

MANUEL DE BOAVENTURA

Os «medos»
da Figueiró



BRAGA—1956

23

Municipal
Biblioteca de
Boaventura



Os «medos» da Figueiró

Por MANUEL DE BOAVENTURA

A rapaziada da Aldeia-de-Riba, como a da Aldeia-de-Baixo, pelava-se por ouvir o Marrucho Mentideiro. Sabiam que ele «escachava», que mentia como cesta rôta; mas mentia com tanta arte, que todos lhe achavam graça. Diziam: «É mais divertido ouvi-lo, que à música do Papa-Ranhos!» Da mesma opinião era o senhor Abade que, de tanto o ouvir, ia metendo a sua arola aos fregueses... E havia quem dissesse que honrava o mestre...

Mas, verdade, verdade: as mentirolas do Marrucho não prejudicavam ninguém, porque coisas que implicassem motivos de honra, nunca saíam da boca do velho paroleiro. Vinham de outra origem.

Se na aldeia corria má-lingueiro, a abocanhar rapariga casadoira, moço com rabos de palha, ou família com mancha no costado; se vinha comadre de alquilé a dizer: — «A moça dos Tarrêlos anda embaraçada»; se bonifrate taroleiro asseverava: — «O filho do Pernão roubou o ninho ao cuco»; ou era voz corrente que o Saculório espancara o «Salocristo» — logo Marrucho — talvez por serem verdades — garantia que era mentira:

— Zaralhices! Não acredito!

Não! Em pontos de honra não tocava a sua língua, porque com coisas sérias não se brinca. Agora engendrar uma mentirita, a rir, mas com foros de verdade: — obrigar um pégurelho a uma corrida, para afastar imaginário gado a retouçar nas couves; pôr um sacristão a cantar missa nova; fazer cair a torre duma igreja; ou promover a bispo o padre Zé-Bacorinho — era com ele! Com estas coisas folgava o maganão!

Quanto ao mais, quem mandava era a sua imaginação, que se deleitava no maravilhoso, a criar um mundo novo, com seres sobrenaturais, para seu gaudío e para se rir dos pacóvios que o acreditavam.

A Eira e a Lagôa das Feiticeiras são locais célebres em muitas léguas na redondês — graças à tradição, que lhes anda adstrita. A Eira não passa de grande paúl de penasco rapadinho; e a Lagôa é um lençol de água na gamela da rechã, que o sol estival faz desaparecer. Ao perto e ao longe, naqueles tempos, falava-se do árido deserto, como de lugar tenebroso a evitar, sobretudo de noite. Era ali a assembleia magna, o «sabbat», onde o padre-mestre diabo celebrava «missa-negra», acolitado por diabinhos, para gáudio e desobriga das feiticeiras de meio mundo...

Já algures ⁽¹⁾ se fez a descrição do dilatado maninho:

«A Figueiró era, então, vasta e alongada planura, despovoada de arvoredos — um maninho charnequenho, terra de todos — de muitos centos de hectares, a treitear com quatro ou cinco freguesias, alforzadas a dois concelhos: Barcelos e Esposende.

Era nesse desabrigado escampado, que se localizava a célebre Lagoa das Feiticeiras, na periferia de Vilachã — sítio povoado de lendas e mistérios abracadabrantes, de coisas tenebrosas e macabras...

O povo, porque sente a necessidade do maravilhoso, o inventa e cria na sua imaginação, dando forma a coisas informes e inexistentes, chegando a «ver» o invisível e a apalpar o imaterial! No mundo do desconhecido, a sua fantasia delira e isso o obriga a crenças que conserva, a par das suas convicções religiosas:

— «Deus é bom? Pois o diabo, bem tratadinho, também não é mau...»

Era pois, ali, o «sabbat» das feiticeiras, bruxas e lobisomens de todo o Minho, porventura de todo o País e, até, comparsas das Ilhas e da Galiza compareciam a confraternizar. A essas tertúlias maléficas presidia Satanás em pessoa, para celebrar o sacrilégio terrificante da «missa-negra»...

Da famosa lagoa só o inverno nos dá hoje leve indício. Mas afirma-se que, noutras eras, tinha abundância de água e folgo vivo andava nela a rabear: — cabeçudos negros, gerescidos de rãs e asquerosas salamandras pintalgadas — quem sabe se consubstanciações de bruxas e diabos a afrontar a luz do dia... No verão a lagoa some-se, desaparece de todo e deixa, em seu lugar, um verdejante paúl, óptimo para pastigo dos gados dos carreteiros.»

Era isto a Figueiró de há cinquenta anos para trás: durante o dia, velhacouto dos gados terranteses, que enganavam a fome a retouçar nas torgas; e quando a treva a cobria com a negridez do seu manto, campo

(1) «Novos Contos do Minho», pág. 210.

de operações para tenebrosas nocturnais do demonismo — falanstério de bruxas e pista de lobisómens... Aquilo era a pinta do diabo! Quem por lá passava benzia-se e ia com o credo na boca!

O mais próximo vizinho do descampado era o Marrucho: mal saía as portas-fronhas da morada, estendia a vista até aos montes fragosanos, a esmaecer no cinzento; e por ali fora, todo o plaino, vestido de teiroga rasteirinha e de penujento saganho — era Figueiró. A sua perspicácia de lavrador punha-se a fantasiar quantos centos de carros de pão poderia produzir aquela vastidão, se a relha do arado a virasse «co' de riba p'ra baixo»! Quantos carros? Mais de mil! Que riqueza perdida no morgadio de Satanás!

Mil carros — quarenta mil alqueires? Exagero! Mas ele era o homem dos exageros.

O mistério que envolvia a Figueiró tinha em Marrucho — sabido historiador — um historiador que se alongava da história para architectar romances. Em rapaz ouvira contar coisas mirabolantes e de estarrecer, ao pai e ao avô — olha que dois! — das tenebrosidades da Figueiró: o banho ritual das feiticeiras, que tornava fosforescentes as parcas águas da laguna; o sacrilégio da «missa-negra», onde o padre-mestre Satanás celebrava de pontifical; os banquetes engulhosos, de fazer virar o estómago a um cristão, servidos no caravansarelho do paúl; as corridas desenfreadas dos lobisómens, no redondel da Lagoa... O diabo a quatro!

De tão abstrusas e falaciosas visões, polarizadas através da inculutura do meio e das superstições dominantes, formou-se na sua imaginação um mundo fantástico de seres sobrenaturais — um mundo do outro mundo — à sua engenhosa maneira acrescido e ampliado de pormenores, que punha os cabelos hirsutos aos mais animosos — de tal maneira assombrantes e terríficos eram os cenários.

Pelos serões da vizinhança, armava cátedra: uma noite pontificava nas Pelecuchas; noutra, na enfumarada cozinha do Cachulo, ou das Madorras. De longe-em-longo, em certas noites, a assembleia era na residência do senhor Abade, com a assistência dos maiorais: o presidente da junta, o regedor, o mordomo da cruz e outros. O senhor Abade Cavalaria — um nadinha supersticioso — apreciava-o muito e, à-compita, metia-lhe carapetões, que ele ia reproduzir, correctos e aumentados, escudando-se a autoridade do Abade que, aliás, o povoado justamente considerava discípulo dilecto do Marrucho...

Mas onde ele se «alargava» à vontade, era nos serões das fiandeiras. — Conte lá, ti'Marrucho!

Às vezes fazia-se rogado; outras abria o saco:

— Duma ocasião, o Celindra velho, já o setestrelô ia alto, vinha dum carroto, das bandas de Guimarães e saíram-lhe as coias na encruzilhada da Figueiró. Pintaram-lhe a manta! Desapuzeram-lhe os bois e o carro começou a andar, ó-pa-trás, com a cabeçalha no ar, virado à Lagoa. Era noite «delas»...

— Ti'Marrucho! — disse o Malagato — vancê viu?

— Como se visse! O Celindra não era homem de trapaças e era valente como as armas! Benzeu-se p'ra elas o não empêcer e puxou da vara de racha, no jeito do jogo do pau — que ele era puxador afamado! — e desafiou:

— «Ó almas do diabo! P'ra onde ides co' carro sem bois, 'scomungadas?»

De dentro das caniças saiu uma cacarejada de riso galhofeiro e uma voz demudada, que ele conheceu, cantou-lhe:

*«Ó Celindra, Celindrinha,
Senta aqui, à minha beira:
E vai co'a tua madrinha,
À missa-negra da Eira!»*

— «Um raio que vos parta, 'scomungadas!» — diz o Celindra. E assentou duas arrojadas valentes no caniçado, puxadas à sustância... A cambada começou a avoejar, ao de riba do carro, e às risalhadas...

— E era de verdade, a madrinha dele? — perguntaram.

— Pois! pois! Era a pucra da Catroixa velha, avó desta Zaralha. Era abadessa das feiticeiras e feia como todos os diabos.

Alguns duvidaram; mas o neto do Celindra confirmou:

— Meu avô — no céu ele esteja — contava isso.

Marrucho rejubilou:

— Vêem! um homem como eu só mente, quando não fala verdade.

— Olha o milagre! — disseram em carcajada. — E ôspois?

— E ó-depois? — inquiriram as fiandeiras.

— Ôspois, o Celindra disse a oração do anjo-custódio e a fandangage pisgou-se. Levou o gado até à beira do carro, que as guifas tinham arrastado p'ró paúl, já cheiinho de feiticeiras à espera do Barzabum, que as ia confessar e desobrigar — que isto era pela desobriga. Mas, ó rapazes! mal ele disse, num berrego: «— Valha-me aqui Nosso Senhor Jesu-Cristo, Pai dos homens!» — aquilo foi um estoirar, que nem foguetes em dia de romaria!

As seroeiras benziam-se:

— Cruzes! Abrenúncio!

— Raus as comam!

O contador de bojardas continuou:

— Foi um ar que lhes deu! Ficou tudo limpo! O Celindra não era medrica, mas aquillo buliu co'ele. Nunca mais foi o homem que era. As 'scomungadas tinham virado o carro: lá como pôde, ajeitou-o chedeiro, após o gado e botou da banda. Mas os bois, assustados, fugiram co'carro e largaram o rodeiro nos barrancos e só pararam aos portais... Tudo por artes do diabo! Era valente como a valentia, aquele Celindra! — e elas temeram-no! Mas, aqui para nós, nunca mais foi o homem que era. Parecia assombrado e tolhido.

★

Marrucho, a falar do sobrenatural, estava no ambiente que convinha à sua fantasia. Quase não falava de outras coisas e tudo quanto contava era assim cheio de mistério, tétrico e abundante. Dizia-se em boas relações e harmonia com esse povilêu de duendes, que o acaudeçava e lhe oferecia passeatas e súcias e patuscadas!

— E vomecê ia a essas coisadas, ti Manel? — perguntaram.

— Pois 'tão!

Aqui é que a fecunda inventiva do velho trapaz abriu de todo-em-todo as largas asas da imaginação, à curiosidade dos audientes, deliciados a escutarem-lhe as farandolas, mas amedrincados com a tenebrosidade das mirabolantes descrições.

— Pois 'tão! Ia e não havia medo! Caçavam-me a dormir e levavam-me pelos ares — ao de riba do silvedo e por baixo do reboredo... É um regalo girar, correr mundo... Num berlante punham-me na Galiza — terra de lindas feiticeiras, ó rapazes! Ou atravessávamos o mar e íamos às Ilhas — onde há lindos palminhos de cara! E duma vez levaram-me á Índia, que é terra no cabo do mundo e onde há gente que fala como nós e outra, que nem o demo a entende.

Nenhum dos seroeiros fazia ideia do que era a Índia:

— À Índia? Que terra é essa?

— O fim do mundo, onde acaba a terra e o mar...

— Mais longe que os Brasís?

— Crêdinho! Três lonjuras do Brasil, ou mais! São terras do diabo, rapazes! Lá, a gente anda de gatinhas como os bichos; e mia como os gatos. Caras negras como tições. Aquillo é mesmo à beirinha do inferno.

As mulheres benzeram-se:



— Taré! T'arrenego!

O escarnicola do Malagato, que não dava grande crédito às balo-
nas do Marrucho, perguntou:

— Acaba nessa terra o mundo? E depois?

— Principia o inferno.

— Vancé tam'em já lá foi?

Concentrou-se um momento, a pedir auxílio à inexaurível imagin-
ção, para responder:

— Pois é verdade: levaram-me ao inferno e por sinal que vi lá
teu avô torto, que era um justiceiro levado da maleita.

Riram. Mas Malagato retrucou:

— Já sei: estava a reservar-lhe o lugar...

Do caminho veio uma restolhada de vozes e cantorias, de mist-
com retinir de fêrrinhos, trau-trau de castanholas, requintilhas de c
quinhos e zumbidos de violas.

— Escuta! escuta! É a ronda da Aldeia-de-Baixo!

Foi um alegrão! As raparigas de pé lesto rejubilaram. E o
estardiola entraram no serão, a cantar ao desafio, com piques às seroe

O ambiente desanuviou-se e, dali a nada, tudo dançava — até a v
Pelecucha e o Marrucho, ambos a vizinhar pelos setenta!

— Como não, se da ronda fazia parte o tio Pôxas, tão velho como
um súcio que, para tocar, metia a rabeca no seio e pelava-se por dan-
com as moças mais bonitas! Como não? se Marruchos e Pelecuchos
ziam nas veias sangue de eméritos dançarilheiros?

Não há, por esta corda de povos, gente mais alegre e expans
Se os da Aldeia-de-Riba são pandegueiros, os da de Baixo não ficam at
A seroadada dançante botou até meia madrugada.

O Marrucho ficou com a palavra reservada para a sessão da r
seguinte; e o troco ao Malagato para a primeira oportunidade...



Quando o velho «Mentideiro» chegou ao cardenho, onde nac
ano se reuniam as fiandeiras, já mais de meio serão estava andado. E
receu, simulando alheamento e embaraço:

— Venho sôbolo tarde, porque fui à feira co compadre Petess
aconteceu-nos boa!

— Então? Conte, ti Manel!

— Home! acho que não digo...

— Diga, diga!

— Vocês não acreditam...

— Temos mais endróminas, já sei... — disse o Malagato.

Marrucho parecia preocupado: puxou da «birra», bateu-a na palma da mão e sorveu uma pitada. Ofereceu, por oferecer, mas ninguém aceitou. As mulheres insistiram e os moços secundaram:

— Que lhe assucedeu? Vancê, parece que não vem bô...

— Se vos parece! Cá o velho não é home p'ra mêdos; mas o compadre Petéssa é medrica e ficou empècido. As 'scomungadas apareceram-nos na encruzilhada e viraram-lhe o juízo... Levei-o agora a casa: ia aos tropelhões, assombrado co' que viu... Coitado...

A Pelecucha velha pôs-se a rir:

— Cagaço que lhe meteste...

— Carago! ele viu tão bem como eu!

As perguntas fervilharam de todos os lados:

— Conte, conte. Como foi?

Estar calado era, para ele, sacrifício demasiado: começou a narrar a sua recente aventura:

«Foram os dois — ele e o Petéssa — de caminhada, até à feira de Barcelos, p'ra mercar uns touros piscos, de que o compadre carecia, p'ra inorgar a terra do centeio. Negócio feito, a afilhada botou os bois ao caminho e eles ficaram-se por lá. Um homem não tem raízes que focem na terra, de modo que, de súcia com o regatão da Arrifana, foram ao bacalhau, ao arroz de cóvinha e mais umas achegas. Meia canada p'ra cada um, não era de mais. Depois o da Arrifana mandou botar mais meia canada. O vinho na estalagem da Esparrinha é do de três assobios! Mais meia... mais um quartilhito... E quando saíram de Barcelos, já o sol andava embarcado, lá p'ra esse mar do fim do mundo... A estrada-nova não era larga que bondasse p'ros dois...» — Chega-te p'ra lá, ó compadre!» — E a sede mortificava-os. Na venda de Santa-Maria-de-Abade, saboreou-se um quartilho. Se o da estalagem era bom, aquele, com umas colherinhas de açúcar, era de chorar por mais. Outro quartilho... Bom: quando chegaram à Figueiró era sôbolo tarde — onde ia já o toque-d'almas! — e escuro como bréu! O Petéssa, medriqueiro duma figa, vinha co' credo na boca, a recear as feiticeiras. Senão quando, sentiu que lhe puxavam pela vêstia e ouviu uns risalhos, ali ao perto... Mau, mau! Vamos tê-las!

Marrucho pôs-se a cocar. No quase silêncio coaxavam as relas e ocarinavam os sapos; de longe vinha o gri-gli dos grilos e o pialhar de mochos e corujas... Petéssa tremia como varas verdes.

— Diabo! — mamujou o Marrucho.

— Que é?

— Raus parta o diabo! Hoje é noite «delas»... Que será aquilo? Aqueles sarriscos?

O Petéssa não via nada, além dos luze-luzes que fagulhavam nas trevas, de teiroga a bordo de silvas.

— Não vês? Hom'essa! Aqueles sarriscos são as carroixas no dançarilho... Estamos no Paúl, à beirinha da Lagoa. Raus as coma!

O Petéssa ficou sem pinta de sangue. Ainda aventou:

— São luze-cus e sapos e rãs, a cantochar...

— São elas. Não tenhas medo!

— Fujamos!

— Fugir? Eu não tenho medo, mas parece que estou apregado ao chão! Reza a oração do Anjo-custódio, p'ra não sermos empècidos.

E começou a lenga-lenga da reza. Marrucho mostrava-se animoso e corajoso:

— Compadre Luís! vês aquela abantesma branca?

Petéssa arreguilava os olhos, não via nada, mas a sugestão imperava nele:

— Vejo uma nebelinha, assim a modos...

— É a Zaralha velha. Vem sempre de manto branco. E não vês um de barrete vermelho?

— É o diabo?

— Pois é. Reza mais alto!

O da Petéssa recomeçou a perlenga: «...meu divino custódio, meu guardião...» enquanto o Marrucho, mostrando-se animoso, adiantava uns passos, na direcção da Lagoa. O outro suplicou:

— Ó Marruchinho! pelas benditas almas, não me fujas!

— Anda daí, p'ra'mor de vermos, à beira.

— Não posso: estou apregado ao chão... podemos ser arrelampados.

— Estás acagaçado! Nada de medrices: «elas» conhecem-me. E respeitam-me. Lá andam «elas» no saracoteio. Olha, olha! É a Papanhanhos e a Ribombeira... A de negro é a Salagata...

O Luís Petéssa arreguilava os olhos, não queria dizer que não via, mas a verdade é que não via nada:

— Vejo umas coisas... Serão «elas»?

— Pois, pois! A que anda a bailar co' do barrete vermelho, é a curta da Sarapitanga. Olha-lhe p'ra cara.

— Pois é, asseverava o outro, já quase a ...ver.

— Fujamos.

— Fugir? Não podemos: estamos cercados. Como estamos dois, não nos empècem. Bota o medo fora...

O fajardo do Marrucho estava-se a rir, por dentro, da descarada mistificação com que empulhava o simplório do compadre. Adiantou uns passos na direcção da laguna; o outro ficou estarrecido, pregado, sem movimentos... O aldrabão recuou de novo para dizer-lhe ao ouvido:

— Escutas as riralhadas? As beliscas estão a rir-se de ti.

Mas o que o medorento ouvia eram as corujas e os mochos, lá ao longe, nos pinheiros. Começou a gaguejar e a insistir pela fuga. E o Marrucho a fantasiar:

— Olha, olha! Que revoada delas, vem pelo ar neste pé de vento. São as da Galiza e as da Ilha...

O Petéssa olhou para os astros: não via mais que estrelas; todavia confirmou:

— Ih! que rancho! São mais de cem...

— Mais de mil! Vais ver agora a terra a abrir-se, para saír o diabo-mor, o jeribanda Satanás, já paramentado p'rá «missa-negra».

O pobre vilachanês começou a gaguejar:

— Ó... ó compá...? Não sentes medo?

— Nenhum!

— E vês alguma coisa, de verdade?

— Vejo tudo!

— És um mentideiro: estás a meter baloanas...

— Quê, quê? Não sentes o chão a tremer? É a terra a parir o diabo... Lá vai a cambolhada p'rá Lagoa, p'ró banho... Anda daí, vamos ver à beira as melcatrefes a refrescar o canastro. E assistimos à missa...

— Vamos p'ra trás e tomamos rumo a Santandré...

— Estás brôco! Anda tudo cheio de feiticeiras p'ra esses lados. É terra delas... Olha, olha: aí vem a Jagodes velha e a Fidunças e a Serigaita...

Petéssa não via nada, mas estava assustado e tremia «como varas verdes» — a despeito de estar convencido que o compadre via tanto como ele, que nada enxergava... Mas sentia os cabelos de pé, quando o Marrucho lhe segredava que daquele mesmo lugar tinha presenciado o sacrilégio da «missa-negra», e um diabinho de garnacha vermelha, de turíbulo e naveta, o viera incensar com um fumo negro que cheirava a enxofre e o adormecera, a pontos de as feiticeiras o levarem a casa...

O Petéssa, estarrecido de pavor, mas a querer simular alento, sempre lhe foi dizendo:

— Não seria golo a mais, ó compá?...

— Pois seria, mas nunca mais tive medo de nada.



Quando o patranheiro acabou a narrativa, os seroeiros perguntaram como puderam fugir da Figueiró. Explicou que, em certa altura, um pé de vento os erguera ao ar, e, quando menos se precataram, estavam na estrada-nova. O compadre Luís — pernas p'ra que te quero — não corria, voava! — mas cansara e viera encontrá-lo caído na valeta, perto da porta do Sota... E concluiu:

— Lá o fui levar a casa, aos tropelhões, empècido, sem dar acordo... Coitado! Baralharam-lhe as ideias... É medriqueiro como uma salagata...

O Malagato, que pouco crédito dava às balelas do rapaz, retorquiulhe, galhofeiro:

— Tudo bebedeira, ti Manel! Olhe lá: desta vez não enxergou meu avô-torto?

— Estava lá, a ajudar o diabo à «missa». E como sabe que és o sacrista do padre Cavalaria e mostras jeito p'rà coisa, disse-me que o lugar que reservava, era para ti, nanja p'ra mim...

1
3

1
1

BO
Biblioteca
Manuel de